

Ano 10 • Nº 3

Boletim Informativo da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos

Julho / Setembro 2007

IX Campanha Nacional de Doação de Órgãos e Tecidos

Campanha mobiliza o Brasil na luta pelo aumento do número de doações e transplantes

- Campanha foi notícia nos principais veículos de todo o País
- Confira o que a mídia publicou **PG 04** sobre o evento



**Preserve a Vida.
Seja um Doador de Órgãos.**

avisos e dicas da secretaria

Associados, mantenham seus dados em dia, pelo endereço:

1. www.abto.org.br
2. Área dos Profissionais
3. Entrar com seu LOGIN e SENHA

Muito importante: Não esquecer de adicionar uma foto digital.
Qualquer dúvida, entrar em contato: abto@abto.com.br

Não deixe de enviar seus artigos para o JBT.

A ABTO, visando indexar o periódico ao LILACS e ao SCIELO, continua necessitando de artigos para publicação, de preferência originais, para poder enquadrar-se na periodicidade exigida. Contamos com a valiosa colaboração de todos.

Envie seus trabalhos para: abto@abto.org.br.

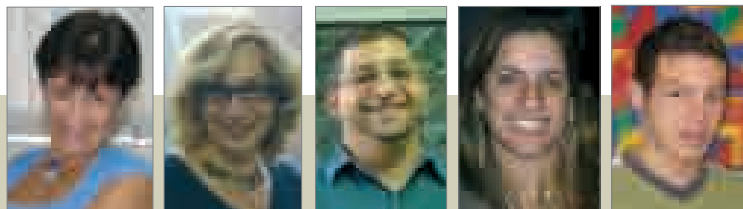
Nota : As normas de publicação do JBT foram atualizadas.
Verifique em nosso site a versão atualizada.

O ABTO News tem um espaço reservado para os associados.

Envie seus artigos para: abto@abto.org.br

Associe-se à ABTO! Fortaleça sua Associação!
Basta entrar no site www.abto.org.br.

Sueli Benko
sueli@abto.org.br



Sueli Benko

Marlene Perez

Alex Gomes

Luciana Masseia

Vitor Oliveira

Diretoria (2006-2007)

Presidente

Maria Cristina Ribeiro de Castro

Vice-presidente

Jorge Milton Neumann

Secretário

Paulo Celso Bosco Massarolo

2º Secretário

Rafael de Aguiar Barbosa

Tesoureiro

Cláudio Santiago Melaragno

2º Tesoureiro

José Huygens Parente Garcia

Conselho Consultivo

Presidente

José Osmar Medina Pestana

Secretário

Walter Antônio Pereira

Membros

Henry de Holanda Campos

Valter Duro Garcia

Elias David-Neto

Jorge Elias Kalil

Criação e Produção

Lado a Lado Comunicação & Marketing

Alameda Lorena, 800 • 11º andar • cj. 1108

Fone (11) 3057 3962 • Fax (11) 3057 3962 ramal 24

e-mail criacao@ladoalado.com.br

ABTO NEWS é uma publicação trimestral, de circulação dirigida e distribuição gratuita, sob responsabilidade da ABTO.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as da Diretoria da Associação. Cartas, opiniões, críticas e sugestões são muito bem-vindas. Por favor, envie-as por correio ou fax à sede da ABTO, A/C da Secretária Sueli Benko.

ABTO

Associação Brasileira de Transplante de Órgãos

Av. Paulista, 2001 – 17º andar – cj. 1704/1707

CEP 01311-300 • São Paulo • SP

Fone (11) 3283 1753 - 3262 3353

Fax (11) 3289 3169

e-mail abto@abto.org.br

<http://www.abto.org.br>

ABTO NEWS

ISSN 1678-3395

Tiragem 2.200 exemplares

2008

THE AMERICAN TRANSPLANT CONGRESS 2008

May 30 - June 4, 2008

Toronto, ON, Canada

American Transplant Congress (ATC)

Attn: Pam Ballinger

15000 Commerce Parkway

Suite C

Mt. Laurel, NJ 08054 USA

Telephone: 856.439.9986

Fax: 856.439.9982

E-mail: atc@ahint.com

FOCIS – FEDERATION OF CLINICAL IMMUNOLOGY SOCIETIES

June 12 – 16, 2008

Boston Marriott Copley Place

Boston, MA – USA

FOCIS

555 East Wells Street

Suite 1100

Milwaukee, WI 53202-3823 - USA

Tel: 414-918-3192

Fax: 414-276-3349

E-mail: info@focisnet.org

FOCIS

555 East Wells Street

Suite 1100

Milwaukee, WI 53202-3823 - USA

Tel: 414-918-3192

Fax: 414-276-3349

E-mail: info@focisnet.org

22ND INTERNATIONAL CONGRESS OF THE TRANSPLANTATION SOCIETY

August 10-14, 2008

Sydney, Australia

Congress Secretariat:

The Meeting Planners

91-97 Islington Street

Collingwood, VIC, Australia 3066

Tel: +61-3-941-70888

Fax: +61-3-941-70899

E-mail: tts2008@meetingplanners.com.au

Website: www.transplantation2008.org

THE AMERICAN TRANSPLANT CONGRESS 2009

August 10-14, 2008

May 30 - June 3, 2009

Boston, MA, USA

American Transplant Congress (ATC)

Attn: Pam Ballinger

15000 Commerce Parkway

Suite C

Mt. Laurel, NJ 08054 USA

Telephone: 856.439.9986

Fax: 856.439.9982

E-mail: atc@ahint.com

VII CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE TRANSPLANTAÇÃO

1 a 4 de outubro

Albufeiras - Portugal

A P O I O





Mobilização exemplar: unindo forças é sempre possível fazer mais e melhor

*Henry de Holanda Campos**

Em consonância com os fatos positivos experimentados no País no campo dos transplantes nos últimos dois meses, temos a satisfação de expressar o nosso regozijo pelas perspectivas de reversão de um cenário sombriamente ameaçador, denunciado neste espaço editorial há alguns meses (Antes que Seja Tarde - editorial, ABTO News, julho de 2007).

Como se pode depreender das matérias que compõem este número do ABTO News, o período foi marcado por intensa mobilização em favor da doação de órgãos e constitui especial alento a disposição dos novos dirigentes do Ministério da Saúde de restabelecer a interlocução com a comunidade de transplantadores. Isso tem sido reafirmado a cada encontro e em cada manifestação pública, pelos Drs. Alberto Beltramne e Abrahão Salomão.

A Campanha Nacional de Doação de Órgãos provocou uma intensa mobilização em todo o País e esta sua nona edição teve caráter inédito, pois às atividades realizadas com o apoio da ABTO vieram somar-se outras importantes iniciativas. A Rede Globo de Televisão, na série Brasil Bonito, apresentou, durante toda a semana que antecedeu a Campanha, belíssimas reportagens sobre o altruísmo da doação e sobre a transformação de vidas proporcionada pelos transplantes. A abertura oficial da Campanha, em Salvador, pelo Ministro da Saúde, José Gomes Temporão, constituiu sinalização de que o Governo Federal mostra-se disposto a construir, de braços com a sociedade, a promoção da doação de órgãos em nosso País. Esses fatos tiveram imediata repercussão, com um expressivo aumento no número de doações em todo o Brasil, consolidado em seguida, com a mobilização exemplar da IX Campanha

Nacional de Doação de Órgãos, realizada pela ABTO, em parceria com coordenações e centrais estaduais e regionais, organizações de procura de órgãos, associações de pacientes, famílias de doadores, equipes de transplante e hospitais.

O País inteiro experimentou uma imensa onda de solidariedade, que materializou a tese do humanista francês Edgar Morin, de que “a espécie manifesta comportamentos solidários, de que nós temos um potencial de solidariedade, a questão é como fazer para despertá-lo”. A ABTO mostrou que é da conjugação entre idéias da sociedade no espaço e no tempo que parece surgir uma forte coesão na vida em sociedade.

Parecendo, pois, superada a trajetória descendente das doações de órgãos no Brasil, não estamos desobrigados de buscar fortalecer o necessário equilíbrio entre as várias dimensões presentes na construção de um sistema e de uma política nacional de transplantes, para a correção de muitas deficiências e desigualdades. Existem ainda muitas responsabilidades a assumir, quando se reconhece que muitas das questões ligadas aos transplantes são tratadas de forma precária e que são problemáticas, provocadoras de questões, o que não quer dizer que ao colocarmos essas questões precisamos ameaçar conquistas. A história dos direitos do homem, todos sabemos, inclusive dos direitos à saúde, não se fez num único lance. Essa responsabilidade política e ética é difícil de ser assumida e, exatamente por isso, é uma necessidade assumi-la. Juntos, governo e sociedade podemos fazer muito.

(*) Editor do ABTO News, Membro do Conselho Consultivo da ABTO e da Câmara Técnica de Transplantes do Conselho Federal de Medicina.

Jornal Nacional - Série Brasil Bonito

Prezado Sr.

William Bonner

Editor-chefe do Jornal Nacional

Rede Globo de Televisão

Em nome de todos os associados, voluntários e parceiros da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos, de todos os que batalham pela causa da doação e do transplante no Brasil e dos mais de 69 mil brasileiros que aguardam nas listas de espera para transplante de órgãos e tecidos, agradeço o empenho e parablenizo os editores e os repórteres do Jornal Nacional, pela brilhante série de reportagens que realizaram sobre esse tema durante a última semana.

A participação tão apropriada desse importante veículo de informação pode, efetivamente, colaborar para reduzir o tempo de espera dos brasileiros em lista, alimentar a esperança em seus corações, estimular profissionais de saúde a cumprir esse importante papel em tempos tão tumultuados no atendimento à saúde, eliminar dúvidas da população e estimular o transplante de órgãos, motor tão eficaz do desenvolvimento da Medicina brasileira.

Dra. Maria Cristina Ribeiro de Castro
*Presidente da Associação Brasileira
de Transplante de Órgãos*

Resposta do jornalista William Bonner, da TV Globo

Cara Dra. Maria Cristina,

Sua mensagem só fez aumentar nosso sentimento coletivo de orgulho, na equipe do JN.

Nossa intenção foi antecipar a exposição do tema ao início da semana em que se desenvolveria uma campanha nacional pela doação de órgãos.

Achamos que isso ajudaria a aumentar o volume de doações – e a reduzir as filas.

Os resultados, desde o último sábado, mostram que atingimos nosso objetivo. E de forma emocionante.

Situações como esta nos relembram a importância e a utilidade de nossa atividade. E reafirmam nosso compromisso (do Jornal Nacional e da Rede Globo) com a responsabilidade social.

Agradeço, em nome de todos os integrantes da equipe.

Atenciosamente,

William Bonner

Congratulações

Parabéns a todos que trabalham no administrativo e direção desta instituição pelo belo e proveitoso congresso.

Que Deus os ilumine todos os dias, para darem continuidade a um trabalho tão necessário para toda a sociedade, uma excelente campanha, conte comigo sempre que precisarem.

Abraços,
Celeste

Coordenação de transplantes

Campanha

O trabalho de vocês é maravilhoso! Mas o anúncio que aparece na TV, onde uma pessoa lava louça com a torneira aberta nos assusta. É um mau exemplo. O problema da falta de água para as necessidades básicas do ser humano é tão grave quanto à falta de órgãos para transplante.

Olália – Curitiba/PR

Desperdício



Gostaria de parabenizar pela Campanha de Doação de Órgãos. Sou participante e acredito que esta é a única maneira de conscientização para a diminuição na fila de transplantes.

No entanto gostaria de ressaltar algo: "a torneira ligada o tempo todo" passa a impressão de que o desperdício desse recurso tão importante que é a água não é agravante.

Tenho conversado com várias pessoas sobre a campanha o que fica registrado em primeiro lugar para a maioria delas é o desperdício da água, e não a doação.

Obrigada pelo espaço,

Adeline

Indignação

8 de setembro de 2007

À Dra. Maria Cristina Ribeiro de Castro
Presidente da ABTO
São Paulo-SP.

Indignação é o motivo desta mensagem.

Como portador do vírus da hepatite B fui em 2001 submetido ao transplante hepático. Com a saúde restabelecida, após anos de tratamento e uma cirurgia bem sucedida, necessito do uso contínuo de medicamentos que garantam a vida, todos fornecidos pelo Estado. Porém desde o dia 27/11/06 não consigo retirar na Farmácia de Medicamentos Especiais a vacina que mantém o vírus estabilizado impedindo que reincida sobre o órgão transplantado. A questão é: sem este medicamento, eu e outros transplantados com vírus tipo B, estamos literalmente sentenciados à morte. Nós, familiares e pacientes, estamos desesperados por uma solução imediata, no que diz res-

peito à compra da vacina Imunoglobulina hiper imune contra o vírus B. O Estado alega não disponibilizar de recursos para esta ação. Então eu pergunto: O que vai acontecer? Afinal não estão lidando com coisas mas com vidas.

De outro modo, é inviável sustentar o tratamento particularmente, uma vez que, cada frasco de 1.000 UI tem o custo de R\$ 3.800,00 e deve ser administrado mensalmente durante a vida toda. Por uma "muito justa causa", de vida ou morte, recorro à ABTO no intuito de chamar a atenção das autoridades para a gravidade do problema. Para finalizar fica a minha dúvida: de que adiantam as campanhas para doação de órgãos se não houver a disponibilidade dos medicamentos para a preservação do órgãos enxertado?

Agradecido,
Ovidio Holderbaum

IX Campanha Nacional de Doação de Órgãos e Tecidos da ABTO é noticiada nos principais veículos de todo o País

Com o tema “Preserve a vida, seja um doador de órgãos”, a IX Campanha Nacional de Doação de Órgãos e Tecidos, realizada pela ABTO em setembro, foi destaque em praticamente todos os principais meios de comunicação do País.

O assunto foi uma das principais notícias do Jornal Nacional e do SPTV 2ª Edição, da TV Globo. A RBS TV (TV Globo Santa Catarina) fez uma matéria sobre o assunto; a TV Bandeirantes destacou o tema. O SBT e a TVE também.

O assunto teve destaque também na revista Época. Os mais importantes jornais das capitais brasileiras também publicaram matérias sobre o assunto como: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, Agora São Paulo, Diário de Notícias, Destak e Metrô News em São Paulo; Diário Catarinense, em Florianópolis; Gazeta do Povo e O Estado do Paraná, em Curitiba; Zero Hora e Jornal do Comércio, em Porto Alegre; Extra, no Rio de Janeiro; Hoje em Dia e O Estado de Minas, em Belo Horizonte; A Tribuna, em Vitória; Jornal do Tocantins, em Palmas; Diário do Nordeste, em Fortaleza; A Crítica, em Manaus; O Liberal, em Belém; Correio Braziliense, em Brasília; Folha de Pernambuco, em Recife e Diário de Cuiabá, em Cuiabá.

Sites da internet também deram destaque à notícia com o Folha on line, Paraíba on line, JC on line, O Povo, Clica Brasília, Pernambuco.com, Mídiacom News, O Dia on line, Bahia em foco, A Tribuna de Mato Grosso, BOL e Saúde & Lazer.

Diversos programas de rádio também divulgaram a campanha como: Band News, Rádio Globo Joinville, Rádio Educativa do Paraná, Rádio CBN nacional, Rádio

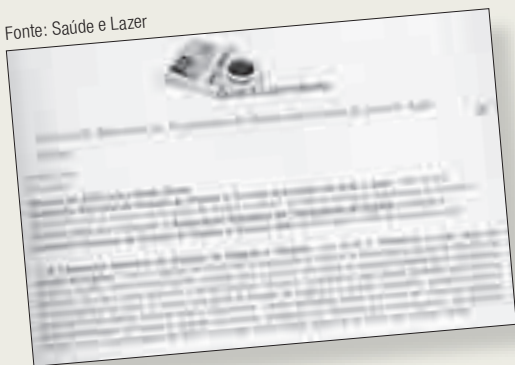
Record, Rádio Web, Rádio Guarujá AM Florianópolis, Rádio Eldorado, Rádio CBN Londrina, Rádio Gazeta, Radiobrás, Rádio Jovem Pan, Rádio MEC, Rádio Nacional.

A seguir, imagens dos principais jornais do Brasil que divulgaram a campanha.

Fonte: Jornal da Tarde (SP)



Fonte: Saúde e Lazer



Fonte: Correio Brasiliense



Fonte: TV Globo – DF



Fonte: TV Globo – Jornal Nacional



Fonte: Pioneiro – Caxias do Sul



Fonte: Diário Catarinense





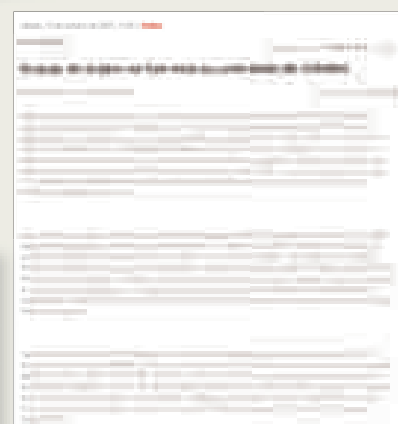
Fonte: OESP



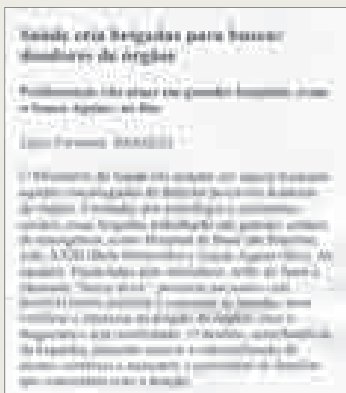
Fonte: OESP



Fonte: OESP



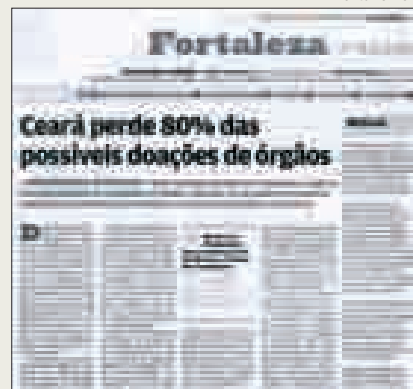
Fonte: OESP



Fonte: Diário Catarinense



Fonte: O Povo



Fonte: OESP



REPORTAGEM

Saúde cria brigadas para buscar doadores de órgãos

Profissionais vão atuar em grandes hospitais, como o Souza Aguiar, no Rio

O Ministério da Saúde vai instalar em alguns hospitais equipes encarregadas de detectar possíveis doadores de órgãos. Formadas por psicólogos e assistentes sociais, essas brigadas trabalharão em grandes centros de emergência, como Hospital de Base (de Brasília), João XXIII (Belo Horizonte) e Souza Aguiar (Rio). As equipes, financiadas pelo ministério, terão de fazer a chamada busca ativa: procurar pacientes com possível morte cerebral e consultar as famílias para verificar o interesse na doação de órgãos, caso o diagnóstico seja confirmado. O modelo, semelhante ao da Espanha, pretende reduzir a subnotificação de mortes cerebrais e aumentar o percentual de famílias que concordam com a doação.

Lígia Formenti, BRASÍLIA

A medida, que virá sob a forma de portaria, integra um pacote de ações do Ministério da Saúde para combater a queda do número de doadores. Amanhã, haverá o lançamento de uma campanha sobre o tema, em Salvador.

Levantamento da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO) mostra que a média de doadores em 2007 é de 5,4 por milhão de população (pmp). Isso corresponde a menos de 25% da lista de espera por órgãos. Os números vem caindo, admitiu o coordenador do Sistema Nacional de Transplantes do Ministério da Saúde, Abrahão Salomão Filho. Em 2004, a média de doadores era de 7,3 pmp. Salomão Filho observa ainda que uma lei publicada no dia 18, que permite o pagamento pelo SUS de transplante feito em hospital particular, poderá ajudar a aumentar as operações.

O coordenador diz que não se sabe ainda as causas da queda do número de transplantes. Para ele, um dos maiores entraves é a subnotificação às centrais de transplantes de mortes cerebrais, sobretudo de vítimas de violência ou acidentes de trânsito.

Além de comunicar a suspeita de morte cerebral, hospitais têm de manter o paciente sob determinadas

condições, para que um transplante possa ser feito. Antes de o transplante ser liberado, é preciso que o diagnóstico de morte cerebral seja confirmado seis horas após o primeiro parecer. Em muitos locais, possíveis doadores são perdidos porque todos esses procedimentos não são seguidos, observou Salomão Filho.

As novas equipes não precisariam existir se funcionasse o esquema original. As regras hoje determinam que hospitais com mais de 80 leitos tenham uma equipe encarregada de fazer tal busca. Mesmo assim, o problema da subnotificação não foi reduzido. Para o diretor da ONG Adote, Renato Gomes, é fácil entender a razão. Em hospitais do Rio, profissionais não trabalham apenas na comissão intra-hospitalar. Eles acumulam funções, observou. Com a falta de profissionais, um neurologista não vai parar de atender um paciente para fazer o diagnóstico de outro, com suspeita de morte cerebral, completou.

Salomão Filho disse não haver ainda uma lista de quais hospitais receberão as brigadas nem qual verba será usada.

Reportagem: O Estado de São Paulo

REPORTAGEM

Cai número de doações de órgãos

GABRIELA GASPARIN, gabriela.gasparin@grupoestado.com.br

O paulista está doando menos órgãos para transplantes. Caiu de 9,3 para 8,3 o número de doações por milhão de habitantes em São Paulo este ano, na comparação com o mesmo período de 2006, segundo a Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO). A má notícia é ainda mais significativa porque 40% dos pacientes da lista de espera por doação no País estão no Estado - um total de 15,8 mil pessoas.

‘A queda é preocupante. O Brasil tem 70 mil pessoas esperando por um transplante e, em vez de melhorar, o sistema piora’, disse a presidente da entidade e nefrologista do Hospital das Clínicas, Maria Cristina Castro. Segundo ela, por conta dos melhores recursos oferecidos pela rede de saúde paulista cerca de 20% das pessoas que aguardam por um órgão em São Paulo são de outro estado brasileiro.

No entanto, a própria falta de estrutura é um dos fatores apontados por Maria Cristina para a diminuição de doações. ‘Dentro dos hospitais, a situação de saúde não é fácil. Faltam leitos nas UTIs. O paciente precisa ter bons cuidados para que seus órgãos possam ser aproveitados em um transplante.’

Outro fator é a aceitação da família para a doação. Muitos parentes ficam com receio de doar o órgão do familiar sem saber se ele concordaria com a ação. ‘Por isso, é importante o diálogo sobre o assunto em casa’, afirmou. A não aceitação da família é um dos principais motivos que impedem a doação: 30% no Estado e 35% no País.

A queda no número de doações é nacional e acontece pelo terceiro ano consecutivo. Em 2004, a taxa foi de 7,3 doadores por milhão. Em 2006, caiu para 6. No primeiro semestre deste ano, foi 5,4.

Os transplantes de coração no Estado diminuíram 60% nos primeiros seis meses deste ano, comparado com o mesmo período do ano passado - de 28 para 11 operações. ‘O coração é sensível e precisa de um bom tratamento no hospital para ser usado’, disse Maria Cristina.

Enquanto os órgãos não chegam, a situação de quem está na fila é angustiante. A costureira Luciana Mariano Juvenal, 33 anos, começa a perder as esperanças de que sua filha Luana, 3 anos, na fila há cinco meses, receba um novo coração. Ambas vieram de Jacuí, em Minas Gerais, para tratamento no Instituto do Coração (Incor), onde Luana está internada na UTI há um mês.

‘É muito doloroso esperar por uma coisa que não chega. Ela precisa de um coração para viver e está cada vez mais fraca.’ Luciana está amparada na Associação de Assistência à Criança Cardíaca e à Transplantada do Coração, entidade que atende crianças com doenças cardíacas. ‘No período em que estou aqui, já vi quatro crianças morrerem porque o órgão não chegou.’

Reportagem: O Estado de São Paulo





Algumas Reflexões sobre o modelo atual de doações e transplantes

Como coordenador da Organização de Procura de Órgãos da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, de 1997 a 2006, fui ator e observador privilegiado deste período pioneiro.

Quando de sua fundação, o sistema de procura de órgãos era realizado na forma de rodízio entre os hospitais com capacidade de transplantação, mas o sistema estava muito aquém das necessidades.

Foram criadas as Organizações de Procura de Órgãos (OPO's), dividindo a cidade de São Paulo em quatro setores, sob a responsabilidade de atuação das seguintes instituições: Universidade de São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e Instituto Dante Pazzanese. No interior do estado de São Paulo foram criadas mais seis regiões. Este sistema teve um bom início apresentando aumento do número de doações de órgãos vascularizados e transplantes, na razão de 20% ao ano, até o ano 2000. Nesse período, a média de doadores do estado de São Paulo era de 8 por milhão de habitantes e a média do Brasil de 2 por milhão.

Do ano de 2000 ao de 2003, a média das OPO's da cidade de São Paulo era, com flutuações, de 10 a 12 doadores por milhão de habitantes. Houve um aumento de doações e transplantes de forma espetacular, de 2003 a 2004, apresentando a taxa de 15 doadores por milhão de habitantes, que correspondia às médias nacionais de países como França, Inglaterra, Alemanha e Itália. Infelizmente, este desempenho, que significa para quem dele necessita, um serviço de qualidade com tempo de espera reduzido e baixa mortalidade em lista de espera, não se manteve.

A partir daí, até setembro de 2007, somente as doações de córnea aumentaram consistentemente, graças a programas conjuntos da Secretaria da Saúde e do Ministério da Saúde. As doações de órgãos atingiram uma re-

dução de até 50%, a maior desde a criação do sistema.

Quais as razões para estas variações? Quais as possíveis correções para retomarmos o crescimento e mantê-lo em padrão internacional? Temos capacidade e a sociedade brasileira merece.

Olhando de maneira panorâmica, dois fatores são críticos:

a) Número de leitos de Unidade de Terapia Intensiva em relação ao total de leitos hospitalares e relação com Produto Interno Bruto.

b) Atrasos de pagamentos do SUS (de ordem burocrática, custos não atualizados dos procedimentos e contingenciamentos ocasionais).

Os transplantes e a doação de órgãos são por sua natureza, procedimentos de alta complexidade e, portanto, dependentes do funcionamento adequado de toda a infra-estrutura na qual estão inseridos. Ocorre que a taxa de leitos de UTI em relação ao total de leitos hospitalares, no Brasil, é de 2,5%.

Na Europa Continental é de 5%. O número de doadores é, na média, de maneira sustentada, de 15 por milhão de habitantes, para países como França, Inglaterra, Alemanha e Itália. Esta simples comparação nos leva a algumas reflexões: a primeira delas é: qual é a proporção ideal de leitos de UTI, em relação ao total de leitos hospitalares que devemos ter na atualidade e como meta de médio e longo prazo, dentro de nossa realidade econômica?

Qual é o patamar de eficiência do sistema de doação e transplante que podemos atingir, de maneira sustentada, com a infra-estrutura atual e qual a projeção a ser atingida, mais próxima de nosso orçamento para a Saúde?

Para termos uma idéia mais realista do que dispomos economicamente e qual a eficiência que poderemos atingir com a média de 15 doadores por milhão dos seguintes países, segue o quadro abaixo.



PAÍS	PIB (milhões de dólares)
Alemanha	2.897.032
Reino Unido	2.373.685
França	2.231.631
Itália	1.852.585
Brasil	1.067.706

FMI 2005

Sabendo-se que a média dos leitos de UTI da Europa é de 5% do total disponível e que a média do Brasil é de 2,5% e que a magnitude dos recursos para infraestrutura é dependente do PIB, qual é a proporção de leitos de UTI que poderemos ter? Como os transplantes de órgãos vascularizados dependem em cerca de 50% de doadores falecidos, qual é a meta possível de transplantes realizados anualmente?

Acredito que a média de 15 doadores por milhão é possível de ser atingida, mas necessitamos de suporte para mantê-la de forma sustentada e não como ocorreu em São Paulo de 2005 a 2007, quando tivemos uma queda de 30 a 50 % do número de doadores.

Quando os recursos são escassos, a melhor forma de torná-los eficientes é aperfeiçoar ao máximo o método de trabalho. Em parte, a Secretaria da Saúde de São Paulo deu uma resposta iniciando cursos de treinamento em busca de órgãos, baseados no modelo espanhol, para hospitais notificadores de morte encefálica.

Sabemos que o total de mortes encefálicas em um hospital terciário ou quaternário deve ser de 5 a 10 % do total. Deste total, 35% de recusa familiar, 20% de parada cardiorrespiratória relacionada às más condições de manutenção ou notificação tardia e 45 a 50% de contra indicação médica.

Estes dados, colhidos pela ABTO no Registro Brasileiro de Transplantes, apontam para um problema conhecido, mas bem descrito pelo trabalho de Roza e colaboradores, que é a contra indicação médica para os doadores ser de 50%. Demonstra o quanto há de desconhecimento de condições clínicas que poderiam permitir a efetivação de doadores dentro de um risco relativamente baixo para um transplante bem sucedido.

Vê-se, portanto, que a solução está em ter um número de leitos de UTI eficiente e com profissionais com conhecimentos atualizados. A solução possível, de ma-

neira inicial e de baixo custo, seria na forma de cursos obrigatórios de atualização, dados por parcerias entre sociedades médicas, secretarias de saúde e Ministério da Saúde. Como já existe uma diferenciação para recebimento de diárias de UTI, nos hospitais com Comissões Intra-Hospitalares para Doação de Órgãos e Tecidos, vincular qualquer aporte de recursos ou aumento do número de leitos ao treinamento prévio destes médicos.

Em grandes centros urbanos há um número de leitos de UTI de, aproximadamente, 10% em hospitais terciários e quaternários e a questão é se poderíamos ter desempenho semelhante aos europeus de maneira sustentada. São Paulo mostrou que não. Apesar de termos hospitais com alta capacidade, onde os privados têm de 10 a 20% de leitos de UTI, notificamos abaixo do que poderíamos e os públicos, mesmo tendo 10% de leitos de UTI, perdem esta relação, pois servem de referência a hospitais de menor complexidade, tendo sobrecarga de sua capacidade. As soluções possíveis, de médio e longo prazo, passam por investimentos em leitos de UTI em hospitais secundários, com destinação de recursos e controle da execução e verificação de desempenho. A meta seria de 5% de leitos de UTI para os secundários. Para os grandes hospitais privados bastaria aumentar as notificações.

Nenhuma destas possíveis soluções é desvinculada de nossa realidade econômica. Para que haja constância de desempenho, primeiro é necessário que os custos dos procedimentos sejam atualizados de maneira a não serem erodidos pela inflação. Que não haja entraves burocráticos para seu adequado recebimento, evitando, tanto quanto possível, contingenciamento de verbas que na saúde só tem um significado: morte.

Estas reflexões têm a finalidade de estimular a discussão e encontrar soluções de menor custo possível, pois, mesmo com um PIB que nos dá pouca margem de manobra, apresentamos um programa de transplantes que por seu desempenho e, principalmente, por sua abrangência, estão entre os melhores do mundo.

Mãos à obra então!

Wangles de Vasconcellos Soler

Coordenador do Departamento de Coordenação de Transplantes da ABTO.

Neste número entrevistamos o Dr. Joel de Andrade, gerente da SC Transplantes, cujo estado atingiu o maior número de transplantes realizados no País este ano. Nesta entrevista, ele explica os resultados positivos conquistados pela SC Transplantes e afirma que a experiência pode ser realizada em qualquer outro estado.



ABTO News - Santa Catarina está no topo do ranking de transplantes, com 14,7 doadores por milhão de habitantes. A que se deve este resultado?

Dr. Joel de Andrade - Avalio que os resultados da doação de órgãos em Santa Catarina decorrem de três fatores essenciais: inicialmente destaco a reorganização do modelo de captação no Estado. Optamos há dois anos pela construção de um modelo baseado nas comissões hospitalares de transplante. Reconhecemos desde o início a necessidade de investir em treinamento destas equipes e no reforço do papel da CNCDO no apoio da condução dos processos de

notificação de morte encefálica e entrevista familiar. A articulação com a direção de muitas instituições hospitalares foi de grande importância não apenas para viabilizar tais comissões do ponto de vista legal, mas principalmente operacional. A escolha dos hospitais prioritários para este trabalho baseou-se no seu potencial de contribuição para o sistema. Hoje, em Santa Catarina, existe doação de órgãos na maior parte das instituições que são referência para pacientes neurocirúrgicos graves.

Simultaneamente à construção do modelo, realizamos uma análise de todos os pontos críticos deste processo, buscando solucionar tudo aquilo que fosse possível: profissionais, materiais, equipamentos e principalmente os meios de transporte dos materiais biológicos e das equipes. O SC transplantes participa como facilitador desde a notificação de morte encefálica até o implante do órgão. É importante esclarecer que planejamos um “desmame” progressivo destas funções, mas consideramos ainda essencial mantê-las até mesmo para garantir a qualidade das ações.

Outro fator fundamental foi o círculo virtuoso que passou a alimentar este sistema. Mais doações geraram notícias positivas que aumentaram as doações e mais notícias positivas... A divulgação destes resultados tem proporcionado uma ampla discussão na sociedade catarinense sobre o tema e como as referências são sempre positivas temos experimentado uma maior



aceitação das famílias acerca da doação. Há um sentimento coletivo da garantia do direito de optar pela doação de órgãos.

ABTO News - Este número vem crescendo nos últimos anos? Como foi o trabalho para chegar até este resultado?

Dr. Joel de Andrade - Iniciamos o trabalho no SC Transplantes em maio de 2005 com um breve seminário de planejamento envolvendo os servidores da Secretaria da Saúde de SC, as principais equipes de transplantes de SC, o Dr. Valter Duro Garcia da ABTO, a Dra. Selma Loch (sanitarista que trabalhou na concepção do SNT). Deste encontro saíram as principais estratégias que nortearam as ações que estão descritas acima. Mudanças em qualquer ambiente de trabalho exigem grande esforço e dedicação. Contamos sempre com amplo apoio dos gestores de todas as esferas da Secretaria da Saúde para implementar tais medidas. Devo destacar as inúmeras visitas aos hospitais que elencamos como estratégicas para articulação das comissões hospitalares de transplantes. Os treinamentos realizados para os coordenadores hospitalares de transplante foram outro ponto fundamental. Além da formação técnica pudemos estreitar o contato com nossos interlocutores nos hospitais catarinenses.

ABTO News - Quais os órgãos mais transplantados no Estado?

Dr. Joel de Andrade - Nossos maiores programas de transplante de órgãos são o de transplante renal e o hepático. Por razões óbvias o número de transplantes de órgãos de doador falecido praticamente triplicou nos últimos 2 anos.

ABTO News - Quando foi realizado o primeiro transplante?

Dr. Joel de Andrade - O primeiro transplante de tecido em Santa Catarina ocorreu em 1972, no Hospital São José de Criciúma pelas mãos do Dr. Henrique Packter. Já o primeiro transplante de órgãos ocorreu em 1978, no Hospital Municipal São José de Joinville e foi realizado por uma equipe coordenada pelo Dr. José Aluísio Vieira.

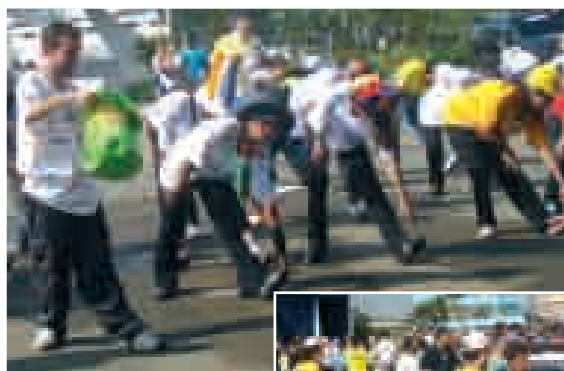
ABTO News - Como está organizada a captação dos órgãos no Estado?

Dr. Joel de Andrade - A captação de órgãos em SC está baseada, como já mencionado, no modelo de comissões hospitalares. A ênfase tem sido na formação dos profissionais que atuam em emergência e UTI para a identificação dos potenciais doadores. A CNCDO tem atuado como tutora deste processo educativo.

ABTO News - Este modelo já está sendo divulgado em outros estados?

Dr. Joel de Andrade - Sim, em verdade este modelo já se encontra consolidado no Rio Grande do Sul e está sendo implementado em outras unidades federativas. Há um reconhecimento universal do chamado "Modelo Espanhol" que tem como base operativa a comissão hospitalar de transplantes, este é sem dúvida o grande diferencial. Temos divulgado nossa experiência em vários estados nos eventos de transplantes e gestão de centrais estaduais de transplantes. Se pudemos realizar é porque qualquer estado pode!

Participação da ABTO na Ação Global foi um sucesso



Cerca de 1.500 pessoas participaram de diversas atividades na Ação Global, em São Bernardo do Campo

São Bernardo do Campo

A campanha realizada em São Bernardo do Campo emocionou os participantes. No estande da ABTO montado no Pavilhão Vera Cruz que acolheu a edição nacional da Ação Global, os 1.500 visitantes que passaram por lá assistiram aos vídeos da campanha estrelados pelo vocalista do Jota Quest, Rogério Flausino, padrinho da campanha e pelo ator Norton Nascimento

A IX Campanha Nacional de Doação de Órgãos e Tecidos realizada pela ABTO para incentivar a doação de órgãos no País surpreendeu positivamente o público que visitou o projeto Ação Global no dia 22 de setembro, em São Bernardo do Campo, em São Paulo. Pelo terceiro ano consecutivo, o Brasil registrou queda acentuada nas doações, o que motivou a realização da campanha. Segundo a presidente da entidade, Dra. Maria Cristina Ribeiro de Castro, a repercussão da participação não poderia ter sido melhor. “A visibilidade da ABTO certamente sensibilizou a população para a necessidade da doação de órgãos”, afirmou.





População pôde aproveitar o dia para assistir palestras e utilizar os serviços oferecidos pelo SESI. O estande da ABTO recebeu muitos visitantes interessados em conhecer o processo de doação e transplante de órgãos



rins, mutirão da visão, aulas de culinária com receitas de baixo custo e discos de higiene, troca de livros, espaço leitura, corte de cabelo, limpeza de pele, embelezamento das mãos, painel com oportunidades de emprego, orientação com advogados, documentos – carteira de trabalho, RG e CPF, cartão cidadão, esportes, lazer e apresentações artísticas, entre outros.

além de receberem kits com bonés, camisetas, folhetos informativos e o cartão do doador. Uma equipe de 25 integrantes incluindo enfermeiros das OPOs e estudantes da Unifesp orientou o público sobre o assunto, respondendo todas as dúvidas com relação à doação e ao transplante. A pergunta mais ouvida, segundo os organizadores foi: como fazer para doar meus órgãos? Segundo a presidente da ABTO, Dra. Maria Cristina Ribeiro de Castro, “a parceria com a FIESP e o SESI foi importante para o esclarecimento dessas dúvidas e o sucesso da campanha”. A entidade continuará participando das campanhas sociais da FIESP em 2008.



A ABTO agradeceu o apoio do Comitê Feminino da FIESP e, em especial, do Dr. José Felício Castellano, diretor do SESI, fundamentais para a realização do evento.

Além das informações sobre a doação de órgãos, os visitantes contaram ainda com diversos serviços gratuitos oferecidos pelo SESI como: exames de colesterol e glicemia, avaliação dos





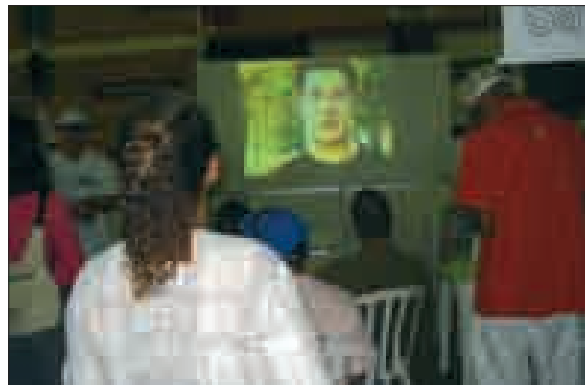
Participantes recebem o cartão do doador



Organizadora orienta meninas sobre a doação



Público tirou suas dúvidas sobre o tema



Rogério Flausino, cantor do Jota Quest, foi o padrinho da campanha

Ministério da Saúde lança campanha de doação de órgãos em Salvador

O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, lançou no dia 27 de setembro, em Salvador, na Bahia, a campanha para incentivar a doação de órgãos para transplantes no Brasil. A solenidade aconteceu no Palácio Rio Branco, antiga sede do Governo da Bahia. Participaram da solenidade, além do Ministro da Saúde, o governador da Bahia, Jacques Wagner, o prefeito de Salvador, João Henrique Barradas Carneiro, o secretário de saúde do estado, Dr. Jorge Solla e o reitor da Universidade Federal da Bahia, Prof. Dr. Naomar de Almeida Filho. Após a abertura da sessão solene o Ministro da Saúde falou sobre o programa de transplantes do Brasil, atualmente um dos mais respeitados do

mundo e a importância da participação da população na doação de órgãos. A seguir falou o governador da Bahia, Jacques Wagner, sobre o apoio político da atual administração baiana aos programas de transplantes.

Muito emocionante foi o depoimento da médica gaúcha Cláudia Botelho, que falou sobre a sua doença e o renascimento após o transplante cardíaco ao qual foi submetida. Do evento participou também o bebê Matheus Bitencourt Lazaretti, de apenas um ano e cinco meses, recuperado de uma cardiopatia congênita aos sete meses, graças a um coração doado. Matheus foi a estrela da campanha deste ano. Os participantes receberam o símbolo da campanha, balões sob forma



Da esquerda para a direita: Prefeito Municipal de Salvador – João Henrique de Barradas Carneiro; Primeira dama do Estado da Bahia – Maria de Fátima Mendonça; Governador da Bahia – Jacques Wagner; Ministro da Saúde – José Gomes Temporão; Presidente da Assembléia Legislativa da Bahia – Deputado Estadual Marcelo Nilo; Reitor da Universidade Federal da Bahia – Naomar Monteiro de Almeida Filho.



de coração lançados do Palácio Rio Branco sobre a Baía de Todos os Santos. A Dra. Maria Cristina de Castro, Presidente da ABTO, não pode estar presente mas foi representada pela Dra. Margarida Dutra.

Na solenidade, Temporão entregou o prêmio Destaque na Promoção da Doação de Órgãos e Tecidos 2007 à pneumologista Cláudia Botelho e a José Ribamar Tavares Filho, transplantados de coração e fígado, respectivamente. O nefrologista Valter Duro Garcia, membro da ABTO, recebeu o prêmio pela dedicação ao segmento da educação e motivação para os transplantes. O Centro de Atendimento Integrado e de Despacho (Caid), da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, também foi homenageado.

O tema da campanha deste ano foi “Não deixe escapar das suas mãos a oportunidade de salvar vidas: doe órgãos, doe vida”. A campanha foi exibida pelas emissoras de tevê e rádios e cinemas. O objetivo da campanha foi sensibilizar a população para a importância da doação de órgãos e tecidos e os profissionais de saúde para a necessidade da notificação de morte encefálica. Se a morte encefálica não é comunicada à central de transplante, a retirada do órgão se inviabiliza.

Histórico e produção

Entre 2001 e junho de 2007, foram realizados 87.444 transplantes pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Apesar disso, outros 71.152 brasileiros continuam na fila de espera de doação de órgãos para transplante. Vinte e cinco dos 27 estados brasileiros dispõem de Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos (CNDCO).

De acordo com levantamento do Sistema Nacional de Transplantes (SNT) do Ministério da Saúde, apenas 28,25% das famílias com potenciais doadores em morte encefálica no Brasil são contrárias à doação. Esse percentual é menor que a média aceitável pela literatura científica internacional, por volta de 33%.

O programa de transplantes do SUS é o segundo maior do mundo, superado apenas pelo da Espanha. Embora jovem – tem menos de uma década de funcionamento – o programa tem passado por mudanças que o diferenciam na qualidade, em relação aos

demais países que oferecem esse tipo de assistência médica gratuita.

No ano passado, por exemplo, houve mudança no critério da fila para transplante de fígado, passando de cronológico para o de gravidade reduzindo, assim, o tempo de espera dos pacientes que precisavam com mais urgência do transplante. Entre janeiro de 2006 e junho de 2007, foram realizados 1.408 transplantes de fígado.

Apenas Tocantins e Roraima ainda não dispõem de Centrais de Transplantes. Em todo o País, o SUS conta com 1.335 equipes preparadas para fazer essa cirurgia de alta complexidade, 925 hospitais autorizados a realizar os enxertos, 170 hospitais aptos a captar e fazer busca ativa de órgãos e tecidos, e 58 laboratórios para realizar os exames que ajudarão a evitar a rejeição do órgão (histocompatibilidade). Também tem 34 bancos de olhos, seis de tecidos musculoesqueléticos, um de válvulas cardíacas e um de pele.

Em 2006, o SUS teve uma despesa total de R\$ 464,8 milhões com transplantes, sendo R\$ 278,5 milhões com a aquisição dos medicamentos para evitar a rejeição dos órgãos transplantados, os imunossuppressores. (Fonte: Ministério da Saúde)





Da esquerda para a direita: deputados Serafim Venzon, Odete de Jesus e Jailson Lima da Silva, secretário estadual da Saúde, Dado Chereim, Joel de Andrade, Valter Garcia e representantes da OAB e dos hospitais de Blumenau e região

“A ignorância, a falta de informação, é o maior obstáculo para as doações de órgãos”. A declaração é de Gilberto Scussiato, que participou, no dia 4 de setembro, da audiência pública sobre transplantes de órgãos, promovida pelo vice-presidente da Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, deputado Jailson Lima (PT). “Foi iniciada no dia 2 de setembro, a Campanha Nacional de Conscientização do Transplante. Ouvir estas pessoas, divulgar o trabalho dos profissionais da área, as técnicas, as possibilidades que existem hoje, é uma pequena contribuição que o Legislativo dá nesse momento”, disse Jailson na abertura do evento.

Motorista de caminhão e ônibus de turismo aposentado, Scussiato preside o Conselho Municipal de Saúde de Campos Novos, Meio-Oeste catarinense, e coordena a área de comunicação da Pastoral da Criança, onde começou a trabalhar voluntariamente enquanto aguardava o transplante de fígado a que foi submetido em dezembro do ano passado no Hospital Santa Isabel,

em Blumenau. O mal que acometeu Scussiato é raro e congênito, e só se manifesta em homens a partir dos 40 anos. “Conto minha história aonde vou, buscando esclarecer as pessoas”, afirmou.

O trabalho de conscientização da população sobre doação e recepção de órgãos e o estímulo ao sentimento de solidariedade e altruísmo, “é essencial para salvar ou melhorar a vida de milhares de pessoas”, salientou o gerente da SC Transplantes, Joel de Andrade. Para uma platéia formada por estudantes de enfermagem, em sua maioria, Joel, médico intensivista, enfatizou que os resultados positivos de Santa Catarina, com o maior índice de doadores de órgãos por milhão de habitantes no país (14,7, contra 5,4 no Brasil) e uma lista de espera de 1,5 mil pessoas, comprovam que “há muito a fazer”. Valter Garcia, conselheiro da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos – deu uma aula sobre respeito e amor à vida. “A lista de espera por transplantes no Brasil é de 70 mil. Trinta mil esperam por um rim, 25 mil por córneas. A lista dos que aguardam

dam por coração, fígado, pulmão, ao contrário destas, diminui. Porque estas pessoas morrem se não fizerem o transplante”, sintetizou.

Cada doador pode atender cerca de 100 pessoas. “Só um esqueleto pode beneficiar 80 pessoas”, disse Valter e sentenciou: devemos sempre pensar que podemos um dia, ou alguém da nossa família, ou um amigo, precisar de um órgão. “Assim, fica fácil se tornar um doador. Mais do que doação, queremos formar uma corrente de solidariedade”, ensinou. A doação de órgãos no Brasil só pode ser feita com autorização expressa da família e depois de dois exames rigorosos sobre a morte do paciente.

Juarez Alves Furtado recebeu um rim em setembro de 1996, depois de uma espera de dois anos e hoje preside a Associação dos Pacientes Renais de Santa Catarina (APAR). A história de Juarez é comum a milhares de pessoas em todo o País, contadas apenas aquelas que aguardam na fila de transplantes. A grande diferença é que, pouco tempo antes dele descobrir a insuficiência renal, perdeu um filho de 19 anos em um acidente de carro. “Doamos suas córneas. Há 15 anos, não havia uma estrutura como a que se tem hoje – apesar de ainda estarmos longe do necessário -, por isso foram doadas apenas as córneas”, contou Juarez. Ele destacou a necessidade da prevenção das doenças renais que hoje consome R\$ 2 bilhões por ano dos cofres públicos. A Associação que preside está buscando apoio para dar andamento ao projeto nas escolas, envolvendo o corpo de profissionais, para desenvolver nas crianças e adolescentes a cultura da doação.

Estiveram presentes à audiência os deputados Serafim Venzon (PSDB) e Odete de Jesus (PRB), o secretário de Estado da Saúde, Dado Cherem (PDSB), Daniele de Andrade, da comissão de bioética da OAB/SC e a irmã Ana Luzia Schmidt, do Hospital Santa Isabel, de Blumenau.



Da esquerda para a direita, Jailson Lima da Silva, Gilberto Scussiato e Joel Andrade

ABTO Informa Lei nº 11.521, de 18 de setembro de 2007

Altera a Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, para permitir a retirada pelo Sistema Único de Saúde de órgãos e tecidos de doadores que se encontrem em instituições hospitalares não autorizadas a realizar transplantes.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 13 da Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

Art. 13

Parágrafo único.

Após a notificação prevista no caput deste artigo, os estabelecimentos de saúde não autorizados a retirar tecidos, órgãos ou partes do corpo humano destinados a transplante ou tratamento deverão permitir a imediata remoção do paciente ou franquear suas instalações e fornecer o apoio opera-

cional necessário às equipes médico-cirúrgicas de remoção e transplante, hipótese em que serão ressarcidos na forma da lei.” (NR)

Art. 2º O § 1º do art. 22 da Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 22

§ 1º Incorre na mesma pena o estabelecimento de saúde que deixar de fazer as notificações previstas no art. 13 desta Lei ou proibir, dificultar ou atrasar as hipóteses definidas em seu parágrafo único.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação.

Brasília, 18 de setembro de 2007;

186º da Independência e

119º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
José Gomes Temporão